# MÃES E FILHOS NO ANTIGO TESTAMENTO*

Anne-Marie Pelletier

Do sem-número de nascimentos que constituíram o povo de Israel bem pouco sabemos realmente; esses nascimentos pertencem à história obscura de toda civilização. Muitas vezes contados como uma intervenção e um sinal de Deus, desde a época dos Patriarcas, com as mulheres estéreis, Sara, Rebeca e Raquel, até os anúncios proféticos da vinda de um Rei, o nascimento de um filho é o lugar de eleição da palavra criadora de Deus.

Na Bíblia, homens e mulheres nutrem uma mesma convicção, a gravidade do ato de gerar. Tal gravidade se anuncia já no primeiro capítulo do Gênesis. Deus acabara de criar o casal humano. Dá-lhe a bênção e, dirigindo a palavra ao homem e à mulher, ordena-lhes: "Crescei e multiplicai-vos!" São as mesmas palavras dirigidas, antes, aos animais. Mas, desta vez, a ordem não é um simples "disse". É introduzida com a variante decisiva, um pronome pessoal: "e *lhes* disse". Não se trata mais somente de aumentar em número, como os animais, no anonimato de existências multiplicadas. Nessa palavra de pessoa a pessoa, trata-se acima de tudo de prolongar algo da grande obra da criação do homem que foi feito "à imagem de Deus". Primeira gravidade do ato de gerar.

Uma outra gravidade vem somar-se a esta, depois que Deus escolheu Abraão e lhe prometeu "uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu e como as areias da praia do mar" (cf. Gn 22,17): doravante, pôr uma criança no mundo associa à realização da promessa divina. Assim se explicam esses votos dirigidos às jovens nubentes da Bíblia, como Rebeca: "Tu, irmã nossa, multiplica-te aos milhares" (Gn 24,60), ou estas palavras ditas a Booz, que vai casar-se com Rute: "O Senhor torne esta mulher, que entra em tua casa, semelhante a Raquel e Lia, as duas que construíram a casa de Israel" (Rt 4,11). Aqui se verifica esta convicção familiar à Bíblia: Deus conhece o homem desde o seio da mãe. "Tu plasmaste meus rins, teceste-me no seio de minha mãe" – diz o Salmista (Sl 139,13), prolongando assim a palavra de Eva que declara, na hora do nascimento de Caim: "Ganhei um homem com a ajuda do Senhor" (Gn 4,1). Aí não devemos ver apenas a ingenuidade de uma época que ignora as leis biológicas da procriação; essa ignorância científica dos Antigos tem uma contrapartida positiva: faz o olhar dos autores bíblicos acomodar-se a um nível mais decisivo, o do mistério da vida que vai além da fisiologia.

* Anne Marie Pelletier é Professora de Literatura comparada, em Paris-X. É especialista em hermenêutica bíblica e dirige cursos no Instituto Católico de Paris. Aqui traduzimos seu artigo publicado na Revista "Le Monde de la Bible", n. 101, 1966, p. 7-10, dedicado ao tema "Natividade, nascimentos e infâncias na Bíblia".



### Deus se lembra da mulher estéril

Essa intimidade de Deus com o ser humano, desde o momento da conceição, dá um realce particular à questão da esterilidade. Decerto, em uma sociedade onde feminidade e maternidade se acham estreitamente associadas, é um drama e uma desonra para a mulher não poder dar à luz. Mas esse drama atinge o próprio Deus. Curiosamente, a referência à esterilidade volta de modo obstinado ao longo da história dos Patriarcas, nesses tempos de fundação em que se acha em jogo a credibilidade da promessa feita a Abraão. Já de início, a personagem de Sara, não mais em idade de conceber, parece tornar ilusória a descendência que Deus anunciara. Eis a ocasião, de fato, de ensinar a Israel que "para Deus nada é impossível", sobretudo quando é uma questão de vida ou morte. Quanto a outras mulheres de Patriarcas, como Rebeca e Raquel, também foi necessário que Deus "se lembrasse delas" – segundo a expressão bíblica – e interviesse em favor delas para dar-lhes os filhos que dariam prosseguimento à história de Israel.

Mais tarde, na época dos Juízes e do perigo filisteu (séc. XII aC), a mulher de Manué, também ela estéril, recebe de um anjo a notícia de que dará à luz um filho que "começará a salvar Israel do poder dos filisteus" (Jz 13,3-5). Assim nascerá Sansão. O futuro e a salvação de Israel passam deste modo por um homem nascido do corpo de uma mulher em quem Deus manifesta o seu poder de dar a vida.

No tempo da sacrílega infidelidade dos filhos do sacerdote Eli, outra figura de mulher estéril vai aparecer, de nome Ana, esposa de Elcana, cuja história imensamente tocante é contada no primeiro livro de Samuel. Desprezada pela outra mulher do seu marido que lhe dá filhos, Ana sobe ao templo de Silo para implorar a Deus. No ano seguinte, ela volta a Silo: havia nascido o filho Samuel, que ela consagra a Deus a quem agradece com as palavras que o *Magnificat* vai retomar (1Sm 2,10).

### Os ritos de nascimento

Os textos bíblicos nos proporcionam poucos elementos sobre as circunstâncias materiais do nascimento. Sem dúvida, a mulher dá à luz, como em outros países, na dor. Essa realidade é tão forte que as vozes masculinas a ela aludem, os profetas particularmente. Quando se fala de um grande medo, faz-se menção a essa experiência: "Por isso os meus rins se encheram de espasmos, dores se apoderaram de mim como as dores de uma parturiente" (Is 21,3). Algumas passagens evocam de longe os gestos que seguem o nascimento. Esfrega-se sal na criança (Ez 16,4), segundo uma prática que se julgava fortificar o recém-nascido. O pai recebe o neném sobre os joelhos, em sinal de reconhecimento (Gn 50,23). Os meninos são circuncidados oito dias depois do nascimento, segundo determinações do Levítico (Lv 12,3). É a mãe que geralmente escolhe o nome da criança que, via de regra, ela amamenta durante longos meses.

O relato bíblico não se detém verdadeiramente nos detalhes a não ser quando evoca os primórdios de uma personalidade que irá marcar a história de Israel. É o que

se vê no relato do destino famoso, entre todos, de Moisés, que se anuncia nas circunstâncias excepcionais do seu nascimento: ele nasce nos dias em que o faraó acaba de ordenar às parteiras dos hebreus que matem todos os recém-nascidos do sexo masculino; o bebê só escapa à morte graças à maravilhosa combinação que se relata no capítulo 2 do livro do Êxodo. Presenças femininas, desta e daquela classe, se revezam com efeito misteriosamente em torno do bebê hebreu: as parteiras de Israel transgridem a ordem do tirano e deixam viver os meninos que nascem; a filha do Faraó, que fora tomar banho no rio, fica admirada com o bebê posto na cesta de papiro que é levada rio abaixo; a irmã do neném propõe o estratagema que vai dar como ama-seca para Moisés a própria mãe. Aquele que será um dia o libertador de Israel, abrindo por ordem de Deus as águas do Mar Vermelho, começa por viver na carne de recém-nascido o perigo da morte e se salva quase por milagre.

**Transmitir a Aliança**

Parece que não significa a mesma coisa nascer menino ou menina. A alegria declarada é menor para esta última. Sabemos também que o primogênito goza de direitos particulares. Ele tem a precedência sobre os outros irmãos, enquanto o pai for vivo; recebe uma dupla parte da herança, quando o pai morre (Dt 21,17), e se torna o chefe da família.

Esses dispositivos jurídicos não impedem evidentemente os conflitos e as contestações no seio das famílias. A Bíblia narra diversos casos de atrito entre irmãos, e alguns destes conflitos acabam por uma reviravolta dos costumes em favor do mais jovem.

É o que acontece com os gêmeos Esaú e Jacó, filhos de Isaac e Rebeca. O primeiro, Esaú, é o preferido do pai; o outro, Jacó, da mãe. Como saiu primeiro do ventre da mãe, cabe a Esaú o direito de primogenitura, até o dia em que Jacó, tirando vantagem do cansaço do irmão, compra dele o direito de primogenitura por "um prato de lentilhas". As relações entre os dois irmãos se deterioram definitivamente quando, mediante uma astúcia inspirada pela mãe, Jacó arrebata a bênção que Isaac destinara para Esaú. Segundo comenta o relato, "Esaú começou a nutrir ódio contra Jacó" (Gn 27,41).

Algumas rivalidades entre irmãos podem culminar em homicídios. A começar pela história de Caim e Abel. Na história de José temos outro exemplo: irmãos tomam conta dos rebanhos; mas por trás da cena banal e bucólica fervem paixões e rivalidades. O filho mais moço, José, é o preferido do seu velho pai, Jacó. É o quanto basta para desencadear o ódio dos outros. Aliás, o próprio José às vezes se põe a criticar também os irmãos. Ele tem um dom particular, o de interpretar os sonhos; mas também tem a fraqueza de contar esses sonhos a seus irmãos, sem esconder que predizem a supremacia dele sobre os outros. Tudo isso vai acabar mal um dia, provisoriamente todavia. Vendido a uma caravana de ismaelitas, será encontrado na corte do Egito, intendente dos bens que salvarão tanto o Egito como seus próprios irmãos em tempo de fome. A



história acaba em magnanimidade, fazendo de José o instrumento do plano de Deus para a salvação de Israel (Gn 35–45).

Além dos conflitos e dramas que marcam a vida familiar, o texto bíblico evoca também, de modo mais sereno, o longo trabalho da transmissão, vital para a sociedade e para o futuro da Aliança. "Lembra-te!" – não cessa de repetir a Bíblia. Esta memória que se deve transmitir é aquela que, de pai para filho, preserva e incrementa os saberes, os saberes da história, os da técnica e da sabedoria. É um grande drama ser órfão, pois aí existe não só uma precariedade material, mas também a privação daquela seiva da transmissão familiar pela qual se recebem bens muito mais preciosos.

Enquanto a Lei impõe aos filhos o dever de honrar os pais, a literatura da sabedoria insiste nesta diretriz: "Meu filho, escuta a advertência de teu pai, e não desprezes o ensino de tua mãe" (Pr 1,8). Aos pais são lembrados os princípios, naquela ocasião bastante vigorosos, de uma boa educação: "Quem ama o filho, usa com freqüência o chicote, para poder mais tarde alegrar-se com ele" (Eclo 30,1). E o livro do Deuteronômio lembra também, a propósito dos mandamentos do Senhor, este outro dever capital: "Incuti, pois, estas minhas palavras... Ensinai-as a vossos filhos, falando-lhes delas, seja quando estiverdes sentados em casa, seja andando pelos caminhos, tanto ao deitardes como ao levantardes" (Dt 11,18-19). O poder paterno implica, portanto, uma responsabilidade diante de Deus. Talvez seja a figura de Jó aquela que evoca da maneira mais comovente essa responsabilidade. Seus filhos e filhas, segundo a história que leva o seu nome, tinham o costume de celebrar muitos banquetes. Então Jó os chamava, para se purificarem, e por eles oferecia, no outro dia de manhã, um holocausto. E dizia consigo mesmo: "Talvez meus filhos tenham cometido pecado, maldizendo a Deus em seu coração" (Jó 1,5).

**Filhos eleitos por Deus**

Acontece também nesta sociedade, como em muitas outras, que a criança seja em primeiro lugar um não-acabado, é crescimento, caminho para uma idade adulta que lhe dará a sua plena identidade. Fato sem dúvida notável é ver também o Deus da Bíblia interessar-se pelos filhos, distingui-los, e escolhê-los para as mais altas funções, para além da indiferença do mundo adulto.

A história de Davi é aqui exemplar. Último da família, Davi tem por encargo tomar conta do rebanho, quando Samuel se apresenta na casa do pai, Jessé, para escolher, em nome de Deus, o futuro rei de Israel e para lhe ministrar a unção. O desfile dos filhos de Jessé tem início sem resultado. Em desespero de causa, mandam vir aquele em quem ninguém pensara. E Samuel declara então que é esse rapazinho, de bela aparência, mas ainda quase uma criança, que Deus havia escolhido (1Sm 16,12). Sem esperar mais o número dos anos, o mesmo Davi conseguirá, com um saber misterioso, acalmar as angústias do velho rei Saul. É ele ainda quem vai enfrentar vitoriosamente a força bruta do chefe filisteu Golias. Na hora do combate, pretendem que o adolescente deve revestir-se com uma couraça de guerreiro, mas Davi acha que

isso apenas vai atrapalhá-lo, imobilizá-lo e paralisá-lo. Sua verdadeira força consistirá em renunciar à força dos adultos, munido da sua funda de criança e com as pedras que apanhou na torrente. Verdadeira liberdade daquele que se apóia apenas em sua juventude e na certeza que lhe vem do Deus que olhou para ele e o escolheu enquanto apascentava as ovelhas. Bela lição para Israel, que aprende através da história desse adolescente, que um dia será o seu rei, que a força de Deus não se deixa limitar pelas fraquezas do homem. Pelo contrário!

O profeta Samuel, justamente aquele que descobriu e ungiu Davi, é outro exemplo de vocação que tem suas raízes na infância. Consagrado ao Senhor por sua mãe Ana, como se narra, a criança vai crescendo no templo de Silo, em companhia do sacerdote Eli, já bem velhinho. Os tempos são maus: os filhos de Eli caíram na infidelidade e no sacrilégio. Um dia, enquanto o sacerdote descansa no santuário, o jovem Samuel ouve uma voz a chamá-lo: "Samuel, Samuel!" O jovem vai logo correndo para junto de Eli, e o interroga para saber reconhecer a voz do Senhor que o interpela. A mesma voz divina vai encarregá-lo de anunciar o castigo que irá ferir a casa de Eli, por não ter permanecido na fidelidade ao Senhor. Primeira dura missão de Samuel, no limiar da vida, quando não passa ainda de uma criança que "continuava crescendo em estatura e na estima tanto do Senhor como dos homens" (1Sm 2,26).

O Antigo Testamento comporta muitos outros testemunhos decisivos do olhar que Deus lança sobre os humildes inícios da vida humana. Ele é dado nas alusões dos textos proféticos às realidades do nascimento e da primeira infância: "Quando Israel era um menino – declara Deus em um oráculo do livro de Oséias – eu o amei (...). Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar; eu os tomei nos braços (...) eu era para eles como quem levanta uma criancinha a seu rosto" (Os 11,1-4). No livro de Isaías, a fidelidade de Deus a Israel tem por argumento uma alusão à de uma mulher para com seu filho: "Pode uma mulher esquecer seu bebê, deixar de querer bem ao filho de suas entranhas? Mesmo que alguma esquecesse, eu não te esqueceria!" (Is 49,15). E a grande novidade da salvação, anunciada no mesmo livro de Isaías, se exprime através da perspectiva de Sião vir a conceber, e ver multiplicar-se os seus filhos, como em um milagre.

Enfim, parece que o Deus da Bíblia ama as crianças como também as ama a misteriosa Sabedoria que, no livro dos Provérbios, se descreve presidindo o nascimento do mundo e de toda novidade, ao lado de Deus: "Eu estava a seu lado, divertindo-me todo o tempo em sua presença, divertindo-me em seu orbe terrestre, entusiasmando-me pelos filhos dos homens" (Pr 8,31).